

CICLISMO E CULTURA: ANOTAÇÕES SOBRE OS USOS DA BICICLETA

Emerson Luis Velozo
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (UNICAMP)

Resumo

O objetivo deste ensaio é estabelecer relações entre o ciclismo, aqui entendido de maneira abrangente como a prática de “andar de bicicleta”, e a “cultura de movimento”, expressão utilizada para definir o objeto de estudo da Educação Física. Os apontamentos realizados a seguir constituem-se como reflexões preliminares sobre os usos da bicicleta na contemporaneidade, e têm com objetivo inspirar futuros estudos etnográficos sobre o ciclismo. Com isso, destaca-se a necessidade de realização de estudos empíricos sobre o tema, que possam explorá-lo em sua totalidade, revelando-nos as teias de significados que o envolve.

Palavras-Chave: Bicicleta, Ciclismo, Cultura de Movimento

CYCLING AND CULTURE: NOTES ON THE USES OF THE BICYCLE

Abstract

The purpose of this essay is to establish relationships between cycling, here viewed comprehensively as the practice of "cycling", and the "culture of movement", a term used to define the object study of Physical Education. The notes below are made up as preliminary reflections on the contemporary uses of the bicycle, and are aiming to inspire future ethnographic studies on cycling. With this, we highlight the need to conduct empirical studies on the subject, which can exploit it in its entirety, revealing the networks of meaning that surrounds it.

Keywords: Cycling, Cycling, Culture of Movement

CICLISMO Y CULTURA: NOTAS SOBRE LOS USOS DE LA BICICLETA

Resumen

El propósito de este ensayo es establecer relaciones entre el ciclismo, aquí comprendido ampliamente como la práctica de "andar en bicicleta" y la "cultura del movimiento", un término usado para definir el objeto de estudio de la Educación Física. Las notas a continuación constituyen reflexiones preliminares acerca de los usos contemporáneos de la bicicleta, con el objetivo de inspirar a futuros estudios etnográficos sobre la bicicleta. Así, se destaca la necesidad de realizar estudios empíricos sobre el tema, que lo puedan explorar en su totalidad, revelándonos las redes de significados que lo rodean.

Palabras Llave: Bicicleta, Ciclismo, Cultura de Movimento

INTRODUÇÃO

São vários os aspectos que podem ser extraídos da relação estabelecida entre o ser humano e a bicicleta. Apesar de ser possível definir o ciclista como o praticante de uma modalidade esportiva específica – o ciclismo –, nesse ensaio, ele será compreendido como qualquer sujeito que ande de bicicleta, independente dos fins pelos quais ele o faz. O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa define o ciclismo como: 1. A arte de andar de bicicleta. 2. O esporte das corridas de bicicleta (FERREIRA, 2004). No primeiro sentido o ciclismo aparece como a atividade de andar de bicicleta de maneira geral, envolvendo a diversidade de usos que se pode fazer deste aparelho. O segundo relaciona-se especificamente com a atividade esportiva, embora esta possa também envolver uma variedade de modalidades.

Grande parte das pesquisas sobre o ciclismo na literatura da Educação Física brasileira está relacionada à racionalização do corpo e do movimento do praticante, possuindo como interesse principal a otimização do desempenho dos ciclistas. São estudos fundamentados, sobretudo, pelos princípios fisiológicos e biomecânicos que regem o corpo humano. Outras investigações procuram ver o ciclismo como forma de “atividade física” que pode produzir benefícios à saúde humana, pelos níveis de esforço físico atingidos durante a prática, superando aqueles conseguidos em estado de repouso. Entretanto, estudos voltados para a compreensão dos sentidos e dos significados que os diversos tipos de ciclismo possuem na sociedade contemporânea ainda são muito incipientes no Brasil, do mesmo modo como são raros os estudos históricos¹ sobre esta atividade.

CICLISMO, CULTURA E SOCIEDADE

É interessante notar que em nosso país o uso efetivo da bicicleta como meio de transporte entre as classes sociais mais elevadas parece estar longe de se consumir. O uso da bicicleta como meio de transporte é muito mais evidente entre as classes menos privilegiadas. Talvez por questões simbólicas vinculadas ao poder econômico, as classes mais elevadas, de modo geral, resistam ao uso da bicicleta como um meio de transporte. O que parece estar em jogo é um tipo de poder simbólico e de prestígio relacionado ao uso dos bens materiais produzidos em nossa sociedade. Alguma exceção pode ser visualizada quando se trata da população mais jovem que lança mão da bicicleta como um estilo de vida. Mesmo assim, o tipo de bicicleta utilizada pode, por vezes, demarcar, assim mesmo, uma distinção de classe entre estes jovens. Há certa tendência de que indivíduos de classes mais privilegiadas façam uso não utilitário da bicicleta em seu cotidiano. Estes tipos de questões vinculam-se à determinados “usos sociais do corpo” relacionados com as distintas classes sociais (LE BRETON, 2006)

O desprestígio da bicicleta como transporte para certa parcela da sociedade talvez possa se transformar a partir da atribuição de novos códigos à sua utilização. Alguns movimentos postulam o ciclismo como uma alternativa ao transporte automotivo, destacando as vantagens da bicicleta como veículo que não consome combustível e que não emite gases poluentes, tornando-se assim, um meio de locomoção que não agride o meio ambiente. Além disso, o argumento de que o uso do

¹ Alguns estudos interessantes envolvendo aspectos históricos do ciclismo foram publicados recentemente por Schetino (2008) e Melo e Schetino (2009).

aparelho contribuiria para a amenização dos problemas de trânsito nas grandes cidades também se transforma em apelo favorável ao uso da bicicleta como meio de transporte. Outro movimento que pode vir ter a capacidade de produzir novos códigos para o ciclismo é o discurso da “vida saudável”, ao associar a falta de saúde à adoção de um estilo de vida inativo. Isso pode acabar dotando de maior prestígio a classe dos indivíduos que utilizam a bicicleta, atraindo também os indivíduos pertencentes às classes mais privilegiadas para esta prática. Essas iniciativas possuem como importantes referentes os cicloativistas, que buscam a efetivação do uso da bicicleta como meio de locomoção.

O ciclismo competitivo, por sua vez, constitui-se como o processo de esportivização do uso da bicicleta. É a atribuição de um uso específico ao aparelho, entre outros possíveis, e que, ao mesmo tempo, agrega um sentido particular ao uso da bicicleta. O investimento tecnológico dispensado à construção das bicicletas de competição faz como que elas possam chegar a custar algumas dezenas de milhares de reais. Com isso, o desempenho dos ciclistas tende a ser aumentado cada vez mais. Neste tipo de prática pode-se perceber que é incorporado todo o movimento modernizador e o discurso do progresso. Isso é gerado pela utilização de determinadas referências técnicas induzidas pela cientificização do estudo do movimento humano. Porém, mesmo com todo o avanço tecnológico empregado na construção de bicicletas, fator que possibilitou a construção de aparelhos altamente sofisticados, a atração pelas bicicletas antigas não foi abandonada. Se há algum tempo atrás poderíamos ter a impressão de que com a criação de bicicletas mais modernas e eficientes os modelos antigos iriam desaparecer, o que ocorre na atualidade refuta completamente esta hipótese. Na contemporaneidade, a diversificação dos usos da bicicleta soma-se a certa nostalgia relacionada às bicicletas mais antigas, que em alguns contextos tornam-se preferência entre os indivíduos. Esta uma característica da supermodernidade em que vivemos, a qual em vez de negar o passado e o antigo, procura reintegrá-los nas novas lógicas ligadas ao indivíduo, ao mercado e ao consumo que emergem em nossa sociedade (LIPOVETSKY, 2004).

O CICLISMO E AS TÉCNICAS DO CORPO

Marcel Mauss (2003), em seu clássico texto sobre “as técnicas corporais”, nos diz que o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do ser humano. As técnicas utilizadas para caminhar, correr e nadar são alguns exemplos de atividades nas quais o homem prescinde de instrumentos que não sejam o seu próprio corpo. Com a obra de Mauss ficou evidente que as técnicas do corpo são produzidas socialmente, ou seja, são aprendidas a partir de processos educativos que perpassam a história da humanidade. Isso nos inspira a pensar sobre os usos do corpo que a relação dos sujeitos com os mais diversos tipos de bicicletas possibilita. No caso das atividades ciclísticas, a técnica não pode ocorrer sem a existência deste instrumento, extremamente rico em significados, a bicicleta. Tomada como um instrumento, a bicicleta torna-se uma extensão do corpo humano. Conforma-se como uma espécie de prótese do corpo humano, que o permite deslizar sobre as mais diversas superfícies provocando uma relação bastante singular entre o ciclista e o ambiente. Ocorre, assim, toda uma adaptação do corpo à bicicleta, mesmo que esta seja desenvolvida para adaptar-se ao corpo humano. Desta forma, o aparelho exerce um papel de intermédio entre o corpo e o ambiente, que não é vivenciado da mesma maneira quando se trata da locomoção de pedestres.

Do ponto de vista mecânico, a bicicleta possibilita ajustes e regulagens para melhorar a relação com o corpo humano, porém a disposição corporal em relação à bicicleta não pode ser analisada de um ponto de vista meramente funcional. Não são simplesmente as dimensões físicas do sujeito que determinam a escolha do tamanho e do tipo de bicicleta, mas sim a relação simbólica que o indivíduo traça com este aparelho. Dois casos curiosos e que aparecem como figuras antagônicas em relação ao uso da bicicleta, são aqueles em que crianças andam em bicicletas de adultos e em que jovens ou adultos andam com bicicletas cujo tamanho é projetado para crianças. O primeiro caso parece comum entre crianças de classes sociais menos privilegiadas, que não possuem bicicleta própria, “adequada” para o seu tamanho, e que por isso utilizam a bicicleta de adultos, muitas vezes a dos pais, empregadas como meio de transporte. Vê-se nesse caso a figura de pequenas crianças se equilibrando em aparelhos que poderiam ser julgados, a priori, como inadequados para a sua idade. No entanto, este exemplo mostra, a despeito das necessidades sociais, que o ser humano, como produto e produtor de cultura, inventa as relações entre o seu corpo e o ambiente. O segundo caso traz aquela figura de um menino já crescido, um jovem ou adulto que insiste em não adequar-se àquilo que foi pensado como o mais “apropriado” para o seu tamanho e idade. Tal atitude parece querer mostrar algum tipo de resistência às padronizações produzidas socialmente. Evidentemente pode haver casos em que o uso dessas bicicletas se dê menos por vontade do que pela necessidade.

OS SENTIDOS DO “PEDALAR”

Não há ciclismo sem o elemento principal desta prática, o ciclista. É ele quem, sozinho ou em grupo, em cada metro do seu percurso, produz a cultura do ciclismo e escreve a história desta singular e diversificada manifestação cultural. O ciclista se desloca pelos “não-lugares” de que fala Marc Augé (2004), por esses espaços que não possuem a mesma natureza identitária dos lugares antropológicos clássicos. Ruas, avenidas, praças ou trilhas diferem-se dos espaços personalizados que constituem a noção de lugar e remetem o olhar antropológico para novos aspectos que delineiam a contemporaneidade. Em quase todos os espaços se andam de bicicletas, nas cidades, nas zonas rurais, nas estradas, desde ruas pavimentadas, com calçamento e em torno de praças, em “estradas de chão” e trilhas em meio às florestas. Não são locais cuja relação de identidade seja traçada linearmente com os ciclistas, mas muitos deles poderão ser vistos aí. A rua é um espaço público e, nela, diversos códigos estabelecidos entre os ciclistas e demais atores podem ser percebidos pelo observador atento, a ponto de serem possíveis de descrição e interpretação. No caso dos transeuntes de bicicleta, não se trata de um grupo homogêneo que estabelece as relações a partir de interesses em comum, mas de uma constelação de indivíduos que, com a devida diversidade de intenções, acaba criando uma cultura ciclística portadora de códigos e sentidos talvez até mesmo inconscientes.

Apesar de existirem grupos de ciclistas, cada qual com interesses específicos sobre a prática, há também ciclistas solitários, que pedalam sozinhos, não pertencendo a algum grupo. Esta solidão ciclística pode ser manifestada em diversos tipos de ciclismo, seja utilitário, no cicloturismo, no lazer etc. As diferenças entre pedalar em grupo ou sozinho impõe para os estudos sobre o tema a necessidade de analisar as especificidades que compõem os dois tipos de práticas. Entre tais especificidades um dos exemplos diz

respeito à homogeneidade ou heterogeneidade de sentidos vivenciados por aqueles que praticam em grupo e entre aqueles que o fazem de modo solitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA ETNOGRAFIA DO CICLISMO CONTEMPORÂNEO

O interesse pelo ciclismo, enunciado a partir deste texto possui caráter eminentemente antropológico e sociológico. A diversidade de usos da bicicleta ao longo da história, e mesmo na sociedade contemporânea, constitui um verdadeiro universo simbólico, cujos significados podem e devem ser descritos e interpretados². Uma das formas de interpretação deste universo é a partir de estudos etnográficos que possibilitem a compreensão dos significados que o “andar de bicicleta” possui para os diversos grupos e sociedades. Isso poderá ser feito a partir de estudos pormenorizados sobre temas distintos que envolvem o universo do ciclismo, pois este não é um campo homogêneo tanto de ação, quanto de significação, fato que exige o desdobramento do universo de pesquisa.

Se a bicicleta pode ser vista como um instrumento que se configura como uma extensão do próprio corpo e que lhe aumenta a funcionalidade, pode também ser entendida como uma extensão do próprio corpo no sentido simbólico, pois ela pode traduzir todo um universo de informações sobre o seu condutor, isto é, ela é um símbolo. Usar uma bicicleta de um tipo ou de outro, cara ou barata, usar equipamentos de segurança ou não, trajes específicos, entre outros aspectos, são elementos que possibilitam a compreensão de quem é este ser humano ou este grupo que se movimenta de bicicleta.

Desta forma, ao contrário de investir numa obsessão ontológica em busca de definições para a bicicleta e para o ciclismo, percebe-se como mais frutífero o trabalho de compreender os sentidos e significados construídos entre os sujeitos e este universo tão plural que tratamos aqui.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2004.

FERREIRA, A. D. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3ª Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LE BRETON, D. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

² Cf. Geertz (1989).

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, V. A.; SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril, 2009.

SCHETINO, A. *Pedalandando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

Contato: <emersonvelozo@yahoo.com.br>